

Texto: Mário Adolfo

Fim do mundo Atroari

As conseqüências do "dilúvio" de Balbina

"Balbina é uma grande catástrofe". Isto é o que pensa o Conselho Indigenista Missionário — Cimi — e os técnicos do Inpa que estiveram na área e participaram da reunião secreta do Novotel, convocada pela Eletrobrás para discutir os efeitos da formação do lago sobre o meio ambiente da região.

Segundo eles, Balbina não deve gerar nem mesmo 110 kilowatts de energia na época da seca do rio Uatumã, por falta de água no reservatório. Não é só a perda técnica e o desperdício financeiro da hidrelétrica que preocupa. Para início de conversa, Balbina inundará parte do território Waimiri-Atroari, atingindo frontalmente as aldeias Taquari, com uma população estimada em 72 pessoas, e Tapupunã, com cerca de 35 indígenas. O choque ecológico vai mais além. Com a submersão da biomassa, algumas espécies vão desaparecer no reservatório.

As tartarugas, espécie migratória que sobe o rio para desovar nas praias, também vão desaparecer, pois não poderão mais ultrapassar a barragem. Mesmo que conseguirem, não encontrarão mais praias. "O lago vai virar um caldo verde. Uma sopa grossa com formação de gases sulfídico e metano", declarou uma pesquisadora do Departamento de Mamíferos Aquáticos do INPA.

DILÚVIO NA RESERVA

A despeito da agressiva propaganda que a Eletrobrás vem fazendo sobre a validade da usina hidrelétrica de Balbina, questiona-se o futuro de milhões de espécies da flora e fauna, além do território Waimiri-Atroari, que devem desaparecer com o dilúvio sobre a região.

Segundo dois jornalistas do jornal "Porantim", órgão de apoio à cauxa indígena, um di-

que de 4.200 metros de extensão e 5 metros de altura já está sendo construído dentro da reserva indígena, localizada a oeste da BR-174, e ao sul do igarapé Santo Antônio do Abonari. Toda a área será alagada pela hidrelétrica.

A Eletrobrás está investindo na propaganda para tentar, pelo menos, amenizar os efeitos negativos de Balbina perante a opinião pública, uma vez que já não se encontra justificativas para a sua construção. Além dos danos ecológicos e do extermínio da morada dos índios Waimiri-Atroari, a usina não conseguirá fornecer, em épocas de seca, mais de 110, conforme foi denunciado pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia — INPA.

Tentando tapar o sol com a peneira, a Eletrobrás chegou a editar a revista "Waimiri-Atroari", onde declara a preocupação em relação às conseqüências que o dilúvio provocará sobre a reserva indígena. O presidente José Sarney também tentou minimizar a reação, que deve provocar a inundação, demarcando o território Waimiri-Atroari, onde cabe toda Suíça dentro e ainda sobram algumas terras. A revista colorida da Funai, já editada, teve vetada a sua distribuição, tamanho é o absurdo do choque ecológico.

A empresa assume as conseqüências ecológicas e garante que os índios concordaram em mudar. E até escolheram o local, "uma área lindíssima". Porém, para o Cimi, tudo não passa de uma "cooptação e fabricação de líderes indígenas pela Funai para atender os interesses das mineradoras e empresas".

O certo, é que o fato vem sendo discutido a nível nacional por entidades como a Associação Brasileira de Antropologia (Aba) e a União das

Nações Indígenas (Uní). Além das conseqüências catastróficas sobre a ecologia, as entidades discutem a forma violenta com que a Funai vem cerceando a vigilância e a opinião dos índios.

"Um destes exemplos é a tentativa de fazerem com que os Waimiri-Atroari repitam, robotizados que aceitam os acordos firmados pela Funai", diz a jornalista Verênildes Pereira, que junto com o antropólogo, Stephen Baines, estiveram na área a ser inundada.

A equipe do Cimi constatou que os próprios lavradores da BR-174 já estão se deslocando de suas áreas, com medo da alagação. "O que a sociedade nacional não sabe é que pelo menos duas comportas da represa já foram fechadas", informou o antropólogo Baines.

O chefe da equipe móvel da Funai, localizada perto da ponte de Abonari, na BR-174, Arivaldo Paulino Dantas, disse na semana passada, que os índios "já estão conscientizados do problema". A equipe do Cimi afirma que isso se deve à visita que os líderes já fizeram à hidrelétrica de Tucuruí. A Eletrobrás e a Eletrobrás confirmam que enviaram lideranças a Tucuruí para ver como vai funcionar Balbina.

"O PAÍS PRECISA DO RIO"

Segundo a Eletrobrás, os índios que visitaram Tucuruí, "já viram o que vai acontecer com as terras deles".

Segundo Arivaldo Pontes, que mantém uma forte vigilância sobre os índios da área, "o País precisa daquele rio (Uatumã). Depois, ele argumenta que a sorte está lançada, "ou sai ou fica afogado!"

A equipe do Cimi, que esteve em Manaus, ouviu as justificativas do delegado regional da Funai, Sebastião Amâncio. "Os líderes principais

já tinham uma idéia bastante aproximada da realidade", disse o delegado. Ao ser perguntado se a "conscientização de alguns líderes" justificava que construções como Balbina fossem realizadas, sem a opinião pública se manifestar, sem o conhecimento da comunidade, Amâncio disse que "diante do fato consumado, sim".

O que ocorre é que a Eletrobrás está avaliando a indenização dos índios, Waimiri-Atroari, em pelo menos Cz\$ 100 mil. Esta é a provável quantia que se cogita na Funai.

Essa grana está causando disputa entre as "lideranças" criadas pela Funai e até entre as correntes de indigenistas que trabalham no órgão — acusa a equipe do Cimi.

Eles afirmam também que a Eletrobrás continuará investindo em publicidade. "Pelo menos Cz\$ 16 milhões deverão ser gastos", garante o órgão de apoio ao indígena.

ELETRONORTE DESMORALIZADA

A Eletrobrás e Eletrobrás, tentaram ajear as coisas realizando uma reunião secreta no Novotel, que apesar de tudo foi furada pela imprensa. O objetivo era discutir e mudar a imagem da empresa quanto ao desastre ecológico que vai causar. No entanto, "a Eletrobrás saiu bastante desmoralizada quanto aos argumentos utilizados para a hidrelétrica de Balbina. Isto ficou provada pela própria empresa, pois o nível da água será apenas de 46, medida muito aquém do que imaginavam os técnicos da empresa.

OUTRA AMEAÇA: SARAMPO

Os erros de Balbina e suas conseqüências não se limitam aos agressivos choques ecológicos. Com a presença de brancos enviados pela Eletrobrás à reserva Waimiri-Atroari, os índios começaram a sofrer uma epidemia de sarampo.

Informou a equipe do Cimi, que na entrevista com Sebastião Amâncio colocou a questão, que já existem casos de morte de índios em conseqüência do surto de sarampo que assola a região. O superintendente da Funai afirmou que os casos de sarampo ocorrem de maneira normal. Isso, segundo ele, ocorre naturalmente durante o verão. Ele também negou os casos de óbitos.

"Naquele mesmo dia, entretantou informou a equipe do Porantim, que fontes extra-oficiais do Hospital de Doenças Tropicais informaram que pelo menos três indígenas estavam internados ali, vítimas das doenças, já tendo sido constatada a morte da indígena Vanda, no sábado retrasado".

"O que vale ressaltar — diz a jornalista Verênildes Pereira — é que nos postos indígenas da Funai, no vale do rio Camaná (afluente do Rio Negro), até a última quarta-feira, haviam sido detectados 26 casos de pessoas com a moléstia".

Como a população da reserva é de 76 pessoas, o fato confirma que pelo menos 1/3 da população está acometida da doença. Sem dúvida um quadro nada normal, como declarou Amâncio. É de se repensar as conseqüências de Balbina.

O deputado Átila Lins, presidente da Assembleia Legislativa do Estado, que esteve viajando para fora do País durante mais de vinte dias, elogiou, ontem, a indicação do economista Jadyr Magalhães para a Superintendência da Zona Franca de Manaus. Disse que a escolha do governador Amazonino Mendes foi acertada, de vez que Jadyr Magalhães "é um técnico com livre trânsito nas áreas federais, o que será de

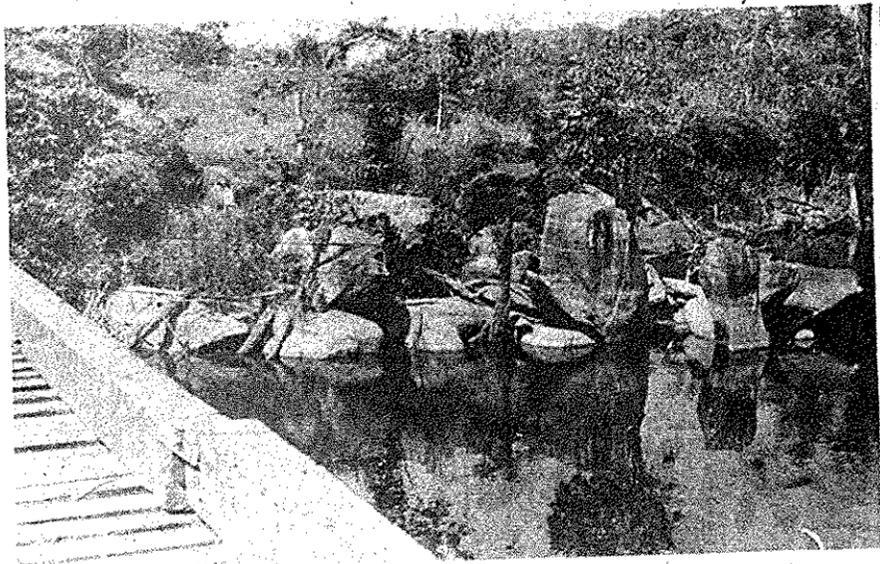
grande valia para o crescimento e a consolidação da Zona Franca".

Logo que reassumiu a presidência da ALE, na quarta-feira passada, o deputado Átila Lins procurou se inteirar dos acontecimentos que culminaram com a nomeação do economista Magalhães, em substituição a Delile Guerra de Macêdo, na Suframa.

Ontem, em reunião informal com a imprensa, Átila Lins disse que a preocupação do governador Amazonino Mendes ao indicar Jadyr Magalhães, foi a de colocar à frente da Suframa uma pessoa de sua confiança. Explicou que o economista já vinha exercendo a função de secretário da representação do Amazonas, em Brasília, e que se trata de uma pessoa afinada com o estilo de governo que Amazonino Mendes pretende implementar na administração do Estado.

"Com isso, fica provada a atenção que o Presidente da República vem tendo para com os pleitos do nosso Estado, levados ao seu conhecimento pelo governador Amazonino Mendes", disse o deputado Átila Lins, acrescentando: — Não significa que o superintendente que saiu, Delile Guerra de Macêdo, tenha tido algum atrito com o governador. Ele sai da Suframa para exercer outra importante função no Banco da Amazônia — Basa.

"O governador demonstra patriotismo, indicando para a Suframa um técnico capaz, a altura de seus propósitos administrativos que, por certo, saberá levar a cabo todas as ações de governo com pleno êxito".



Vai acabar o paraíso Waimiri-Atroari

FONTE : A crítica / MANAOS

DATA : 9 08 87

CLASS. : 318

PG. : 1a

Balbina é uma grande catástrofe

A crítica 9/8/87



A aldeia Taquari será totalmente inundada pelo grande lago de Balbina

“Balbina é uma grande catástrofe”. Isto é o que sustentam o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e os técnicos do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa), que estiveram recentemente na área da hidrelétrica e participaram da reunião secreta, realizada no Novotel, promovida pela Eletrobrás para discutir os efeitos da formação do grande lago sobre o meio ambiente.

Segundo os técnicos, Balbina não deverá gerar nem mesmo 110 kilowatts na época de seca do rio Uatumã, devido a falta de água no seu reservatório. Mas não são somente a perda técnica e o desperdício financeiro que comprometem a construção da hidrelétrica. Há também a questão ecológica, que é simplesmente dramática. Balbina inundará parte do território indígena dos Waimiri-Atroari, submergindo as aldeias Taquari, com uma população de 72 indígenas, e Tapupunã, que abriga cerca de 35 índios.

O impacto ambiental não ficará apenas nisso. Com a submersão da biomassa, muitas espécies aquáticas desaparecerão do reservatório. As tartarugas, por exemplo, uma espécie migratória que sobe o rio para desovar nas praias, serão extintas porque não poderão ultrapassar a barragem (Página 9).